

O que pode um espírito escritor?

MARIA IDALINA KRAUSE DE CAMPOS*

Resumo: Este texto é atravessado pela pergunta: o que pode um espírito escritor? Trata sobre compor escrituras em meio à vida mutante, tendo como campos exploratórios potenciais a educação, a filosofia e a literatura. Propõe uma entrada para inventar saídas de novos fluxos de pensamento esboçados via escrita para, desse modo, compor um *Alfabeto Espiritográfico: Escrituras em Educação* — atividade de pesquisa, leitura da realidade, que opera com a noção de escritografia, pensando a partir de duas vertentes da Filosofia da Diferença: Gilles Deleuze e Paul Valéry. Coloca em ação o método de dramatização na comédia do intelecto, que permite ao espírito atuar e planejar sua própria trajetória autoconsciente através de leituras, de composições de textos que são criados como pretexto de dizer-se, e assim, autoeducar-se. Operações experimentais de escrituras informes, propostas em oficinas promovidas pelo projeto *Escrituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* do Observatório da Educação/CAPES/INEP-2010.

Palavras-chave: Escritura; Alfabeto; Escritografia; Valéry; Deleuze.

Abstract: This text has raised an important question: what is a spirit of writer-reader or reader-writer able to do? It is about the composition of Escrituras, a reading and writing movement involving a spirit that works hard on reading about the intellectual work of other spirit, writer, artist or scientist and then writes his/her own escritografia. Those escrituras are composed amid mutant life and they take into account academic fields such as education, philosophy and literature. Proposes an invention of new outlets of streaming thoughts outlined through writing. *Escrituras: A reading-writing Escritografia Alphabet*, presents and works with notions of Escritografia concepts from two strands in Philosophy of Difference: Gilles Deleuze and Paul Valéry. It has been drawn into action the Method of Dramatization in the comedy of intellect, a movement that triggered experimental operation in oceanic labyrinths of thought, in which the world of body and spirit are in functional action, it is full of possibilities of reading and writing texts that shared life experiences; as it has been shown through the workshop by the research project *Escrituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* do Observatório da Educação/CAPES/INEP-2010.

Key words: Escritura; Alphabet; Escritografia; Valéry; Deleuze.



* MARIA IDALINA KRAUSE DE CAMPOS é doutoranda, bolsista CAPES/INEP da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Introdução

Paul Valéry, em toda sua trajetória de vida, pesquisou, estudou, escreveu sobre conteúdos das mais diversas áreas do conhecimento. Misto de poeta, pensador e crítico da cultura, possui uma forma original de lidar com o espírito, tendo sido traduzido por escritores e também poetas em vários idiomas: Augusto de Campos (para o português); Jorge Guillén (para o espanhol); Rilke (para o alemão). No entanto, apesar de possuir um reconhecimento internacional pelo conjunto de suas obras produzidas é ainda pouco explorado no Brasil. Principalmente no que tange ao uso — teórico prático — de seu pensamento no campo da Educação. Daí a importância de um debruçar-se mais efetivo sobre seu pensamento, assim como sua vida e seus escritos de formas variantes (diálogo, prosa, poesia, ensaio, carta, discurso, aula) e que contemplam uma multiplicidade de áreas do conhecimento como: filosofia, matemática, música, poesia, teatro, além de análises e críticas sobre cultura e sociedade.

Valéry é autor de uma obra vasta, profundamente original, apesar de fragmentária e de intensidade única. Podemos considerá-lo um poeta-pensador da Filosofia da Diferença, visto que quebrou concepções filosóficas e científicas ditas verdadeiras. E buscou um novo modo de ver e de pensar o pensamento, onde: a linguagem, a verdade, a consciência de si são inseparáveis e se



Paul Valéry (1871-1945)

interrelacionam. Onde o espírito está sempre se autoproduzindo num processo contínuo de geração de sentidos imanentes, singulares e particulares, ou seja, emissão de signos através de um exercício de pensamento. O texto que aqui apresento traz um Valéry em conexão com Gilles Deleuze para pensar a

Diferença. Uma *práxis*, como ação de fazer educação do espírito na Diferença colocando Valéry em conexão em transbordamentos. E pensar: o que pode um espírito escreitor?

Movimento disparador

O movimento disparador da pesquisa, aqui apresentado em forma de artigo, se deu durante as aulas do Seminário Avançado *O método de dramatização na comédia do intelecto: Valéry & Deleuze*¹, vinculado ao Projeto de Pesquisa desenvolvido desde agosto 2010 pela pesquisadora, professora doutora Sandra Mara Corazza, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O Projeto visa falar e escrever sobre Autor, Infância, Currículo e Educador, unidades analíticas referidas como AICE, para

¹ Seminário relacionado ao Projeto de Pesquisa: Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo: método Valéry-Deleuze, coordenado pela pesquisadora Dra. Sandra Mara Corazza. Pós-Graduação em Educação / Faculdade de Educação / UFRGS.

pensar um método do informe com Valéry e Deleuze.

Necessitava então de um campo empírico, além da pesquisa, para colocar a espiritografia em ação, o que foi possível através das oficinas promovidas pelo projeto *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* do Observatório da Educação CAPES/INEP, grupo de pesquisa coordenado pela Profª. Dra. Sandra Corazza. Entre as ações do projeto, foram oferecidas *Oficinas de Transcrições no cotidiano*, entre 07 de junho a 25 de agosto de 2011, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As *Oficinas de Transcrições* operam como atividade de pesquisa, leitura da realidade, que permite ao espírito andarilho atuar e planejar sua própria trajetória autoconsciente. Constrói no exercício escreitor seu próprio canteiro de experimentações, seu alfabeto, arquiteturas apaixonadas, informes possibilidades, que são criados como pretexto de dizer-se, e assim, autoeducar-se. Prima pela elaboração de circuitos espirituais variantes que atravessam o vivível, mesclando elementos dos detalhes, do inusitado, para a produção de composições de escrita, oriundas do desejo e da necessidade espiritual que transborda e escorre, entre outros espíritos investigados nos campos potenciais da educação, da filosofia e da literatura.

Como fazer?

Todo o fazer pressupõe percorrer caminhos, e os eleitos para me fazer companhia nesta trajetória pedagógica de pesquisa são Valéry e Deleuze, os quais, com seus conteúdos teóricos, possibilitam criar uma série de procedimentos para investigação e

desenvolvimento de uma pesquisa. E o que se investiga na pesquisa é: o que pode um espírito via escreitura²?

Trata-se de uma pesquisa pós-crítica, pois o método espiritográfico é informe, ou seja, interroga-se e varia durante todo o processo, não possuindo regras fixas e rígidas, o que mataria o prazer do inusitado. O método é o de capturas de forças dos textos, das imagens, das musicalidades, de tudo que devém em vida potente. A partir disso, construir um alfabeto espiritográfico em educação, em que — numa oficina de filosofia, provocadora de sentidos e produtora de conceitos — se experimentam sensações, afectos, desejos e se busca escrever o indizível num texto que é tecido da escrita.

A metodologia do projeto apela a uma pesquisa construcionista e tem na percepção e na criação seus dois movimentos experimentais. Empíria de forças, que recusa a intervenção do juízo. Desconstruindo os saberes constituídos para criar condições de lidar com o ainda não visto, exercitando as impressões visuais que se demoram nas sensações, criando uma visão singular do ainda não significado, interpretado, atribuído de valor.

O método do informe é posto em movimento através de estudos e pesquisas. À medida que desconstrói velhos conceitos, exige uma nova construção que transmuta a forma de AICE. Ou seja, os pesquisadores são surpreendidos durante o processo, sujeito aos acasos, criando nesse exercício espiritual a potência própria de quem estuda uma literatura menor,

² Escreitura como processo de escrita — escrita-pela-leitura ou da leitura-pela escrita — que produz um texto aberto às interferências do escreitor.

educa uma infância informe, vive um impessoal dever-docente e formula currículos nômades (CORAZZA, 2010).

Alfabeto

Alfabeto espiritográfico: Escrileituras em educação trata de um processo de pesquisa, e neste artigo, trago as operações espirituais escrileitoras que possibilitaram sua composição. O *Alfabeto* de Paul Valéry chegou a mim naquela fase de pesquisa tempestuosa. Estava em concentração, em meio a transformações e um amadurecimento espiritual urgente para tentar dissipar um pouco as incertezas e planejar um novo caminho, no próprio caminhar da pesquisa, para encontrar meios e, com eles, escrever e viver. A leitura do *Alfabeto* foi a inspiração necessária para sair do crítico período, e um novo desafio também.

O *Alfabeto* valéryano é um livro de horas e estações — feito por encomenda em 1924, pelo editor René Hilsum — que deveria conter vinte e quatro poemas em prosa que, por sua vez, acompanhariam pinturas de Louis Jou. O *Alfabeto* não teria as letras K e W (VALÉRY, 2009, p.89). Para colocar em ação esses processos, Valéry inaugura um caderno rosa no qual desenha em preto o título ABC, seguido de suas iniciais: P.V. Na parte direita desse caderno, ele registra “um determinado estado dos poemas”; na página esquerda, “alguma notas esparsas e aquarelas” (VALÉRY, 2009, p.89). Esse conjunto de apontamentos passa por várias revisões, lentas e sucessivas na busca pelo sentido do texto.

Valéry busca uma composição formal, com rigorosas leis de funcionamento, uma unidade fechada e singular que ele trata por C.E.M: corpo, espírito, mundo.

Um macrocosmo próprio, uma totalidade fechada que encontra no *Alfabeto* o campo propício e fértil para dizer-se, expor as tramas espirituais, sem determinações únicas que imitam a realidade, mas que valorizam o instante, o possível, em meio à diversidade do mundo e da vida, que se apresentam ao espírito a cada momento.

A primeira palavra de cada um dos verbetes começa com uma das iniciais do Alfabeto, e são páginas de textos breves de uma prosa elegante. Sua escrita destaca as manifestações e a compreensão de Valéry sobre assuntos como: o sono, o acordar, o banho, o almoço, as tramas do jogo amoroso. Esses assuntos de existência singular tornam-se objeto para definições poéticas, em que o visível devora o que é visto, a cada hora, sendo estados de ocupação que a alma dispõe.

O Alfabeto, na medida em que se faz, é uma história de autoconsciência na qual “[...] o que vejo, o que penso — disputam entre si o que sou” (VALÉRY, 2009, p. 41). Cada objeto, por sua vez, pede um novo sentido de si, num esforço novo de consciência de si. O renascimento de cada dia é também renascimento do espírito, da vida que escorre, neste mundo incompreensível, lírico, um completo drama. A inteligência de que ‘Eu sou’ perpassa esse drama e tem na escrita o poder de dizer: ‘estou aqui’.

Espírito operador

Para que esses movimentos investigativos de construção de um alfabeto ocorram, é preciso ter ciência de como Valéry e Deleuze tratam do tema. Paul Valéry trata o espírito como o Eu funcional inseparável da matéria, dotado de uma consciência e

inteligência mutável que utiliza seu trânsito pela existência e pensa-se.

Diferentemente de René Descartes, que afirma: *Penso, logo existo*, Valéry tem como foco: *O que é que em nós está pensando, quando pensa* (VALÉRY, 1996)? Um Eu como função do próprio pensamento, Eu não como essência “Ego”, mas como atividade funcional para pensar. Um espírito operador que compõe uma comédia do intelecto à medida que se mostra a si mesmo à luz do dia. Um Eu operador consciente, Eu puro como Leonardo Da Vinci, que “guarda, esse espírito *simbólico*, a mais vasta coleção de formas, um tesouro sempre claro às atitudes da natureza, um poder sempre iminente e que cresce de acordo com a extensão de seu domínio” (VALÉRY, 1998, p. 55).

Valéry tem apreço pela presença da *voz* ou *vozes* na escrita literária. Das *personagens* dos textos literários, volta-se para os mecanismos do pensamento-palavra, os quais possibilitam jogos e trocas que quebram os silêncios, abrindo espaço para a criação espiritual e seus ecos poéticos e epistemológicos. Interessa a Valéry, também, a arquitetura da forma do texto, seus métodos de composição, nos quais o meio de ocorrência textual é mais importante do que um fim ou meta. Daí sua reinvenção do estilo diálogo platônico, em que coloca nas vozes dos personagens não a busca por uma verdade, mas um meio fecundo aberto a contradições e polêmicas de um espírito que experimenta para melhor ser. Eu consciente que dialoga se multiplicando em outros “eus”, que produzem novas imagens mentais de instantes spiritográficos ecoantes.

Infinita autodiscussão, como Valéry na boca de Fedro observando a dança de Athiktê: “Não é ela de repente uma

verdadeira onda do mar? Ora mais pesada, ora mais leve que seu corpo, ela salta, como a chocar-se num rochedo; tomba molemente... é a onda” (VALÉRY, 1996, p. 46).

Utilizando-se da forma diálogos em *Alma e a Dança*, Valéry passa a discutir sobre a arte, tendo na dança seu objeto empírico e o foco voltado para as relações entre espírito e corpo na dança da vida. Espírito que se diz na fala de um Eu puro, sem medo, despersonalizado, que se torna consciência pelo olhar. Sabe, como *Monsieur Teste*, que entre o Eu claro e o Eu turvo, entre o Eu justo e o Eu culpado, existem velhos ódios e velhos acertos, velhas renúncias e velhas súplicas. E que esse olhar necessita de um método, uma disciplina, ética de trabalho, de pensar com rigor aquilo sobre o que vamos escrever. Um interesse pelo espetáculo do mundo, onde somos todos espíritos e marionetes de um teatro cômico, tenebroso e, por vezes, ridículo. “– Sabes, querido Outro, que eu sou um espírito da mais tenebrosa espécie” (VALÉRY, 1997, p.82).

Para Deleuze, o cérebro é o espírito, faculdade de criação, onde “os conceitos se alocam, se deslocam, mudam de ordem e de relações, se renovam e não param de criar-se” (DELEUZE; GUATTARI, 1992). As excitações que movimentam esse espírito recortam o caos formando um “plano de imanência”. A junção de três “caóides” — arte, ciência e filosofia — desenha mapas mentais ricos em conexões que reagem umas sobre as outras “e que conduzem ao pleno mar”, repleto de ondas de sensações, funções e conceitos. Não há porto seguro, mas navegações possíveis na fenda aberta ardente, onde criar é compartilhar

visões extraindo os instantes fugidios do caos febril, das gélidas sombras, e preparar o espírito como gatilho para o próximo salto no firmamento.

Sujeitos que, como enfatiza Deleuze (1972-1990, p. 134), “[...] são grãos dançantes na poeira do visível, e lugares móveis num murmúrio anônimo”. Espíritos que passam a acompanhar essas danças dramáticas em meio à vida com Deleuze (1997, p. 11), que afirma que “a literatura está do lado do informe, ou do inacabamento [...]”. No qual: “Escrever é um estado de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se [...]. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido”. Um exercício vampiresco, imagético do pensamento, colocando-se, com gozo filosófico, no lugar de um ser espiritual com o qual me ocupo.

É a imaginação que atravessa os domínios [psicológico, orgânico, químico], as ordens e os níveis, abatendo as divisórias, co-extensiva ao mundo, guiando nosso corpo e inspirando nossa alma, apreendendo a unidade da natureza e do espírito, consciência larvar, indo sem parar da ciência ao sonho e inversamente (DELEUZE, 1988, p. 352-353).

Dissipando neblinas

Trata-se de um exercício noológico, investigando imagens do pensamento, dissipando neblinas transcendentais ilusórias, pois não há um começo constitutivo, um modelo para copiar. Sabendo que “a subjetividade empírica se constitui no espírito sob efeito dos princípios que o afetam; o espírito não tem as qualidades próprias de um sujeito prévio” (DELEUZE, 2001, p. 20).

Em sua obra *Conversações*, Deleuze fala em noologia como “estudos das

imagens do pensamento”. Uma imagem do pensamento como um sistema de coordenadas, dinamismos, orientações — o que significa pensar e “orientar-se no pensamento”. Tal imagem tem variado muito ao longo da história (DELEUZE, 1990).

Pensando com Deleuze, a noologia faz aparecer a imagem do pensamento, que permite pensar nesta ou naquela direção. Imagem como horizonte, reservatório, relação de forças sensíveis para a construção de mapas do pensamento. Em que o tempo filosófico é de coexistência que não exclui o antes e o depois, mas se superpõe numa ordem estratigráfica.

A noologia mostra também que o pensamento é recoberto de clichês, força que o aprisiona no próprio ato de pensar, tornando-o inerte, sem movimento, acomodado. O que fazer, então? Como fazer ou desfazer? Tentar não julgar ou avaliar, mas perceber que a imagem do pensamento traz consigo potências, forças plurais, energias sempre em movimento de devir de um espírito que, por seus próprios meios, se diz, enquanto dança inventando seus próprios dinamismos, suas bússolas errantes, seus problemas...

O texto em construção, então, desliza entre operações de espíritos criadores que investigo e compõe, através do método do informe, espiritografias oriundas de exercícios de linguagem. Um espírito operador que age diretamente por si mesmo, enquanto lê e escreve. Tem na escritura uma infinidade dos possíveis de uma composição do pensar andarilho, rico em virtualidades errantes. Desafios entre correntes de escrita e leitura como um tiquetaquear que pulsa veias, do sangue que bombeia coração e intelecto, imenso reservatório de energia vital.

Fome antropofágica

O alfabeto *espiritográfico*: *Escreleituras em educação* é também composto de vinte e seis letras que tratam do conceito espírito, servindo como mola propulsora ao espírito escreleitor e para suas produções *espiritográficas* possíveis. Sua construção percorre vinte e quatro meses, tempo da feitura da dissertação. Período de auto-observação espiritual, de esforço, solidão e insistência. Dobras de pensamento nômade aplicadas ao sistema *espiritográfico*.

Há, neste processo, uma fome antropofágica de um pensar circuloVICIOSO, como o da serpente que morde seu próprio rabo. Um “serpensamento”, uma forma de pensar (CAMPOS, 1984) que, por vezes, torna-se protagonista voraz e satânica, e que serpenteia nos labirintos do espírito, mordendo o que pode. Fato que gera alterações de vozes: mais suave, indignada, persuasiva, delicada, irônica sem descuidar da leveza, como nos lembra Italo Calvino, ao falar em Valéry: “É preciso ser leve com o pássaro, e não como a pluma”. Escrita *espiritográfica* variante em “busca da leveza como uma reação ao peso de viver” (CALVINO, 1990, p. 28).

Escritas tecidas em alinhavos, nas oficinas promovidas pelo projeto *Escreleituras*. Seus desdobramentos, sua construção e arquitetura em meio à vida, movimentos e formas operatórias na educação e também na filosofia e na literatura. Aludindo novamente a Valéry, quando fala em Descartes e seu pensamento vivo, não se trata de uma doutrina que pretende ensinar qualquer coisa da qual não sabemos absolutamente nada, mas um método que opera “[...] transformações sobre aquilo que já sabemos algumas partes,

para daí extrair ou compor tudo quanto do assunto podemos saber” (VALÉRY, 1952, p. 27). Uma aventura do espírito humano, dedicada a pensar o ser espiritual que elabora conceitos e a analisar a inventividade das matérias textuais e da vida como processo de geração das paixões da inteligência.

A própria criação do processo *espiritográfico* enquanto ele se faz fluxo de escrita afirmativa, mais do que espíritos e conceitos relacionados facilmente identificáveis, trata-se de fases — palavra *valéryana* — que se descobrem, momentos que se revelam pela proximidade à disposição de forças do sujeito que lê e escreve. Estados de existência compositiva, tendo na grafia da palavra regada, no conceito dramatizado, um valor potencial de uma escritura que emerge do punho, da mão que rabisca, expressando os pensamentos de um espírito amante que, atravessando desertos, encara mistérios, transmutações, sonhos e percepções insones. São tramas — como alude Valéry — que se apresentam ao espírito, uma diversidade em meio à qual não há uma determinação única e ilusória que imita o real, mas o possível-a-cada-instante de um texto que se compõe.

Os movimentos do espírito procuram decifrar o que está além de *o que é* espírito. Para tanto, evoco Gilles Deleuze e o seu método de dramatização (DELEUZE, 2006) que se junta a Paul Valéry na construção do alfabeto *espiritográfico*. Assim, ampliam-se os campos exploratórios mais vastos para um conjunto de “[...] coordenadas múltiplas que correspondem às questões *quanto? quem? como? e quando?*” (DELEUZE, 2006, p. 112). Isso, para investigar como opera um espírito nos campos

pedagógicos, filosóficos e literários, nos quais o já criado nesses três domínios transcende e afirma uma nova composição, e com ela faz dos exemplos empíricos de escrita uma aventura do informe, em que “É do ‘aprender’, e não do saber, que as condições transcendentais do pensamento devem ser extraídas” (DELEUZE, 2006, p. 238).

Acompanha esse andar aventureiro — que possui e é possuído — as sedes de conhecer, o pensar imediato, as alegrias de perceber, de “[...] sentir iluminar-se pouco a pouco um reino de inteligência — reaviva indefinidamente cinzas secretas da alma. Cada aurora é primeira. A ideia que chega cria um homem novo” (VALÉRY, 2009, p. 47). E as Oficinas de Transcrição, promovidas pelo projeto *Escrileituras*, assim, tornaram-se um meio de efetivação dessas efervescências espirituais. Momentos de capturas férteis, de encontros de vida num campo processual mesclado de pesquisa, criação e inovação.

Um laboratório-oficina, um ateliê de experimentações espirituais e operatórias que primam pela elaboração do pensar. Águas vivas de plurais encantos filosóficos, da diferença, do drama, de Deleuze, da *self-variance* ou autovariação de Valéry. Águas espirituais de oscilações e fluxos oceânicos disparadores potenciais, do pensar renovado e múltiplo. Intensificador das paixões de inteligência que permitem inserir na vida novos dinamismos de fluidez criadora que alinham composições de texto com linhas de fluxos, de potências e forças espirituais. E nesse movimento potencial compositivo, costura e tece pensamentos enquanto investiga: o que pode um espírito escrileitor?

Encontros

O que pode um espírito escrileitor? Os espíritos com quem travamos relações intensas e que atravessaram os corpos de olhar atento, permitindo-nos investigar suas obras e os atos vitais de uma criatura do pensamento, já carregam agora outro espírito. As afecções são inevitáveis, e há uma ética e um direito natural nisso tudo. Aludindo a Spinoza, espírito (mente) e corpo são uma só coisa, e “[...] a ordem das ações e das paixões de nosso corpo é simultânea, por natureza, à ordem das ações e das paixões da mente” (SPINOZA, 2007, p. 167). De nossa passividade ou atividade advirão nossas alegrias e dores. Dependendo, então, teremos de nos autoinvestigar na busca por uma resposta. E aqui não se procura um ideal moral platônico, mas uma avaliação do que suporta potencialmente um espírito escrileitor.

O espírito escrileitor pensa o que lhe afeta o ânimo, que “[...] não pode existir se não existir, no mesmo indivíduo, ideia da coisa amada, desejada” (SPINOZA, 2007, p. 81). Assim, um corpo escrileitor encontra outro corpo que se compõe ao seu com alegria, pois ama e deseja. Caso essa relação não se componha com a sua — um corpo que o afeta de tristeza —, ele faz tudo aquilo que está em seu poder para afastar a tristeza ou destruir esse corpo.

É disso que trata este método espiritográfico aqui exposto, ou seja, dar oportunidades aos espíritos escrileitores para que seus corpos tenham a oportunidade de manter novas relações que convenham à sua própria natureza. E o termo *conatus* nos serve, pois o *conatus* é a procura do que nos é útil, nos alegra, nos faz bem, a cada instante dessa procura por uma prática espiritográfica.

Com ele, temos o direito e o poder de preservar nossas existências e, com isso, marcar encontros com os espíritos que nos são caros. E isso requer esforço, luta, pôr em ação nossas potências de conhecer, de pensar e de exprimir pensamentos, e com esses pensamentos, quem sabe, remodelar a visão ética do mundo e ir um pouco mais longe do que nos impõe o senso-comum. Através de uma filosofia *gaia* que aumente nossa potência de agir, longe da tristeza, geradora de desesperança e do medo.

Espiritografia-ação

A força potencial de uma spiritografia em construção é também o escrever em frenesi, entre rabiscos e anotações. Essa superabundância de pensares esquinofreniza, perfura ideias e, por vezes, “[...] a impaciência espiritual me consome, me incita... É a caça do diabo; o Daimon transforma-se em demônio” — como afirma Valéry (2009). Há momentos em que as dobras do pensamento emergem plenas de vitalidade, pois são atravessadas, afetadas pelas percepções de um objeto, uma obra de arte, por exemplo.

O apogeu perceptivo, então, se avizinha, e a malha intelectual compõe seus bordados. A spiritografia de Francis Bacon, elaborada como um exercício experimental do espírito, surge por meio da percepção do quadro, criando uma nova imagem de pensamento que relaciono, espiritualmente, com sua vida e em conexão com sua obra. E é nesse meio vidarbo (vida e obra) em transmutação, que se passa a compor a spiritografia. Outro objeto-texto surge, segue em formação pelo labirinto do espírito que capta sensações entre afecções. O movimento espiritual que investiga o desconhecido e com ele opera spiritograficamente. Ali onde viceja o texto que capta forças de um

objeto de arte e com ele escreve uma spiritografia — *O grito com Bacon*:

No início do século vinte, nas distantes terras da Irlanda, uma criatura era gerada. Imerso na água placentária, Francis deu sua primeira espiada no mundo, assustado pelos gritos da mãe que lhe dava à luz. Jessie, a empregada, cuidava do pequeno Francis, aplicando doses de morfina para aliviar seus ataques alérgicos e asmáticos. O infante solitário Francis adorava admirar espelhos, fascinado pelo reflexo de sua sombra alojada por trás da moldura. Cobrir seu corpo com roupas íntimas de sua mãe Winnie espantavam sua “timidez”, brincava e ria fazendo trejeitos diante do espelho do quarto.

O riso se tornava pranto pelo chicote do pai enfurecido que não suportava suas traquinagens, batendo com força em sua pele clara e macia, deixando marcas avermelhadas e dolorosos hematomas roxos, que perduravam por dias. O bruto militar Eddy, treinador de cavalos e veterano da guerra dos Bôeres, não podia admitir tamanha afronta do afeminado filho, queria fazê-lo homem.

A família Bacon possuía tendências de nomadismo geográfico. Dublin foi apenas o ponto de partida. Após sua adolescência nômade — geográfica e espiritual —, quando aparecem as primeiras incursões pela pintura, Francis migra carregando no bolso três libras para viver em Londres. Aprofundar seus estudos em Nietzsche, longe da Irlanda e da “sacal” família Bacon, era sua meta. Para complementar as míseras libras, Francis se aventura como empregado doméstico; o tédio o persegue e logo abandona o

trabalho. Como telefonista de uma loja de roupas femininas em Poland Street, prepara sua própria demissão escrevendo uma carta anônima dirigida ao dono do estabelecimento e vai embora.

Na primavera seguinte, Francis chega a Berlin, mais precisamente em Weimar. Suas alquimias interiores e artísticas reacendem-se e acentuam-se ao assistir o filme *Metrópolis*, de Fritz Lang. Já em Paris, admira o quadro *O massacre dos inocentes* de Poussin e algo o atravessa, uma boca, outro grito lhe chama atenção — o da mãe que tinha seu filho arrancado dos braços brutalmente. Pintar, mais do que nunca, era uma decisão que com força também emitia sons e trazia mais frenesi em circuitos corpóreos e fantásticas fantasias de pensamento. Suas entranhas vibravam em ondas de sensações e cores ao ver as pinturas de Picasso.

As sirenes haviam silenciado em 1945. Francis surpreende com sua primeira exposição individual, com cores e tons de vermelho sangue, o que provoca repulsa em uma Europa já cansada dos confrontos sangüinários, carnes dilaceradas e corpos amputados. Francis parece querer, através de sua arte, libertar a besta do interior humano, abrindo pequenas janelas de particulares infernos.

Francis segue sua trajetória arriscando, após as primeiras aquarelas, agregando experiências de decoração, designer de móveis e fotografia e os aplica em suas produções. Em seu estúdio, surge o grito agachado sob o guarda-chuva, débil pensar, repleto de força de sensação. A fuga da pintura histórica abrindo espaços para os fluídos corpóreos, misto de sangue, bÍlis, urina, esperma, uma pintura da transgressão.

Arquitetura acrobática de corpos, tensão pictórica, carnes e próteses.

Figuras eclesiásticas com queixo que a carne não mais sustenta, Papa com asas de carcaça de porco, boca aberta diante do mundo, desconforto da cadeira-trono deixando às costas um pôr do sol que emite seus brilhos. Nervos do acaso, oscilações, corpo transformado em vibráteis contornos, deformantes forças que retorcem peles, cartilagens, ossos, vísceras, autorretrato. Criando efeitos muitas vezes de uma cabeça sem face, que deixa entrever outras mil faces, talvez, da carne que escorre do osso, molhada por uma espessa chuva de solvente universal, que se mescla com cores carnis.

Carne, vianda, carcaça, açougue existencial. Evacuações, o furo, o devir do corpo, acasalamentos em vermelhos-azuis, amarelos. Intensidades no riso, do grito, nervoso sistema, compostos de um organismo humano transmutante. Dimensões, em ondas de sensações aflorando da boca aberta, onde o grito está ou se esconde, mas se diz e escapa.

Órgãos polivalentes, olhos não fixos, enigmas do visível, interrogações sobre o mundo, virtualidades, boca-ânus, olhos-nariz, cifras do gozo. Ritmos daquilo que é a própria força, variáveis, infinitos graus de modulação, fuga para outro projeto, germe de novas sensações atravessando a carne, com ritmo próprio compondo melodias e tonalizando a vida que tenta não se afogar no caos onde se navega entre o êxtase e a angústia. Cópulas, lutas, três, dois corpos, musicais vetores de sensação. Atletismo, coreografia de instantes intensos, eixos em variações,

movimentos. Ressonâncias que incidem nos jogos ritmados de cor e luz, realce, expansão e contração. Osso, carne, sístoles e diástoles, subida e descida de mãos frenéticas que agarram trapos, poeira, tinta, pincel em estranha alquimia, para traçar contornos do vaso sanitário, do vômito, da porta, da pia, do ralo que deixa escorrer.

Saudade dilacerante de Dyer, amor tomado pela morte, que não mais pedala sua bicicleta por Londres, que se tornou ainda mais fria, sombria, triste e indigesta. Caos ateliê, inspiração de imagens, dos acasos, dos acidentes, alguns amigos e a surpresa por ainda estar vivo pela manhã. Arte como obsessão pela vida que resta em Francis, obsessão por nós mesmos e que o persegue desde o início. É preciso seguir, retirar ainda mais os véus que encobrem as existências veladas, penetrar e levantar o véu, ver a vida com a violência que tenta esconder. Oitenta e três anos e a despedida do velho Francis, trajetória de um espírito que saiu da mesmice humana, criando, penetrando espelhos e sombras, arte de carne exposta nos meandros da pintura. Seus gritos irão ressoar e movimentar outros espíritos diante da impossibilidade de não sermos tocados ao nos confrontarmos com suas janelas, onde se anteveem particulares infernos existenciais.

Considerações finais

Uma spiritografia, como a vejo, passa pela busca metódica dos labirintos espirituais dos quais nos ocupamos, escolhemos por paixão e necessidade. Um jogo labiríntico como o de Miller (1974, p. 183): “O labirinto é meu campo de caça preferido, e quanto mais fundo eu cavo na confusão, melhor me oriento”. E no jogo cocriamos,

experimentamos novos estados poéticos, composições de vida que proliferam através de exercícios inventivos de pensamento. Espírito inseparável da matéria corpo, inteligência criadora — sempre em processo aventureiro, seguindo fronteiras, margeando superfícies — que investiga e experimenta o pensado em nós, em que “o mais profundo é a pele”, expressão considerada sábia por Deleuze (DELEUZE, 2003, p. 11), pensando com Valéry.

Pensar com renovação é crucial como processo de uma spiritografia, fazer uso de uma obra de arte, de uma obra literária ou científica e operar sobre elas. Produzindo um drama ou uma comédia do intelecto, em que a criação tem valor espiritual, pois pulsa e move pensamentos e os torna arte por oscilar, fazer variar os fluxos espirituais e saltar de um assunto a outro em *self-variance*, sabendo que nada há de permanente nesse processo. Promovendo um encontro de espíritos que pensam e experimentam, em meio à vida, com seus estados poéticos, suas loucuras e seus delírios, procurando responder “à questão mais simples do mundo: *Que pode um homem?*” (VALÉRY, 1996, p. 115).

E assim, são retiradas as algemas da imaginação; a louca da casa condenada passa a ser bem-vinda, adotada como companheira de novos nomadismos espirituais. A despudorada imaginação abre suas asas — em toques sutis ou mesmo violentos — de suas forças, imprime novas grafias em toda a extensão de uma corporeidade. Espírito observador curioso, aventureiro que se propõe viajar por lugares inexplorados. Ciente de que “[...] a única e verdadeira viagem, como observou Proust, não seria viajar por centenas de diferentes

países com o mesmo par de olhos, e sim ver a mesma terra através de uma centena de diferentes olhos” (LAING, 1989, p. 28).

O projeto *Escreitura* “serve como disparador de cenários que pensam a Educação *com e na vida*”, um processo escreitor, de uma “escrita-pela leitura ou da leitura-pela-escrita” (DALAROSA, 2011), processo aberto a interferências variadas, na medida em que é produzido como processo de pensamento. Movimentos extratores de forças que favorecem, como diz Corazza, “as culturas do dissenso” para reinventar novas formas, novas “significações de indivíduos e de grupos” (CORAZZA, 2011).

Assim se faz uma Educação singular e com potência criadora o que tentei mostrar com esta produção textual. Uma abertura para continuidade de pesquisa onde o texto deseja apontar a importância da autovariação afirmada por Paul Valéry, em que o conhecimento é usado como movimento inventivo do pensamento, através do Método do Informe onde se dramatiza o conceito de verdade (DELEUZE, 1994), e que traz o exercício escreitor como multiverso de criações espiritoográficas, que se instaura abrindo novas possibilidades de trabalho e de práticas docentes.

As experimentações aludidas aqui neste artigo são frutos das pesquisas e trazem a espiritografia como movimento escreitor para a produção do *Alfabeto Espiritográfico: Escreituras em Educação*, produção de contágios, emitindo convites aos novos pensares que têm na invenção imaginativa uma abertura onde ressoam forças embrionárias de escritura. E assim, treinar honestamente o espírito para planejar a navegação em águas plurais

dos espíritos amados aos quais nos dedicamos. E com eles, escrever em meio à vida através de uma autoeducação potencial. Navegação que não pode ser estabelecida previamente, senão no próprio navegar. É disso que se trata!

Referências

- BACON, Francis. **Study for the Head of a Screaming Pope**, 1952. obviomag.org. Disponível em: <http://obviomag.org/archives/2008/06/os_papas.html#ixzz1g2s22rFI>. Acesso em: 08 dez. 2011.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPOS, Augusto. **Paul Valéry: A serpente e o pensar**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)** /Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 12. Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- CORAZZA, Sandra. **Caderno de Notas 1: projeto, notas & ressonâncias**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1972-1990.
- _____. **Nietzsche**. Trad. Alberto Campos. Lisboa: Ed.70, 1994.
- _____. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. **Empirismo e subjetividade**. Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- _____. **Lógica do Sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

_____. **A ilha deserta e outros textos.** Textos e entrevistas (1953-1974). São Paulo: Iluminuras, 2006 (Org. Luiz B. L. Orlandi).

_____. Désir et plaisir. **Magazine Littéraire.** Paris, n. 325, oct., 1994, p. 57-65.

_____. GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. PARNET, Claire. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

DALAROSA, Patrícia C. **Caderno de Notas 1:** projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

LAING, Roland David. **O eu e os outros:** O relacionamento interpessoal. Trad. Aurea Brito Weissenberg. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

MILLER, Henry. **Trópico de capricórnio.** Trad. Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1974.

OBVIOUSMAG.ORG. **Francis Bacon,** Study for the Head of a Screaming Pope, 1952. Disponível em:

<http://obviousmag.org/archives/2008/06/os_pas.html#ixzz1g2s22r FI>. Acesso em: 08 dez. 2011.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

VALÉRY, Paul. **A alma e a dança e outros diálogos.** Trad. Marcelo Coelho. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Introdução ao método de Leonardo da Vinci.** Trad. Geraldo Gérson de Souza. São Paulo: Ed. 34, 1998.

_____. **Monsieur Teste.** Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **O pensamento vivo de Descartes.** Trad. Maria de Lourdes Teixeira. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1952.

_____. **Alfabeto.** Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Recebido em 2014-10-31
Publicado em 2015-02-27